

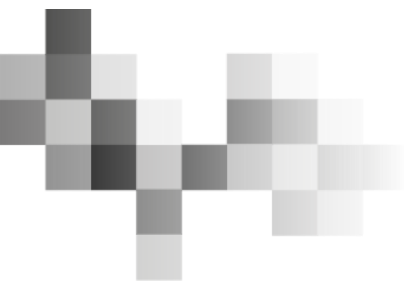
Pesquisa colaborativa em saúde mental: desenhos qualitativos e implicações ético-políticas

Mônica de Oliveira Nunes de Torrenté¹, Clarice Moreira Portugal¹, Tiago Pires Marques², Maurice de Torrenté¹, C.C.², Angela Oliveira²

¹ Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Brasil. monicatorrente11@gmail.com; nunesm@ufba.br; clariceportugal@gmail.com; mdetorrente@hotmail.com

² Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal. tiagopmarques@gmail.com

Resumo. Os estudos socioantropológicos em torno da loucura, da saúde mental, da etnopsiquiatria e da psiquiatria transcultural já são uma área relativamente bem delineada em termos de produção do conhecimento, pelo menos em países anglo-saxônicos como Estados Unidos e Canadá, tendo destaque também a significativa contribuição francesa na área. Merecem destaque ainda os estudos portugueses em torno das redes sociais em saúde mental (Portugal, Nogueira, & Hespanha, 2014), bem como acerca do sofrimento social e agência na experiência do sofrimento psíquico (Pussetti & Brazzabeni, 2011; Marques, 2016). No Brasil, especificamente, fica claro como é parco o estudo de aspectos culturais no campo da saúde mental, havendo relativa rarefação de estudos voltados para a experiência do sofrimento psíquico, para os processos de cuidado em saúde mental e *recovery*, como também para o lidar com aspectos culturais no âmbito dos serviços ligados ao sistema biomédico. Em concordância com Ramos, Paiva e Guimarães (2017), afirma-se aqui que as abordagens qualitativas se mostram profícuas para análises em profundidade das reformas psiquiátricas – tomando-as enquanto processo social complexo que envolvem os campos jurídico-político, epistemológico, técnico-assistencial e sociocultural (Amarante, 2007) – e da conformação de novos modelos de atenção em saúde mental pautados na horizontalidade dos agentes na produção do cuidado. Tendo esse panorama em vista, a presente proposta de painel de discussão dedica-se a explorar a elaboração e o desenvolvimento de pesquisas colaborativas em saúde mental a partir do prisma qualitativo em termos de seus aspectos praxiológicos, epistemológicos e ético-políticos. Para tanto, coloca-se aqui especial ênfase no processo de construção compartilhada de conhecimento entre acadêmicos, gestores, profissionais e usuários de saúde mental por meio do seu envolvimento e engajamento (seja como pesquisador, seja como participante) nas referidas pesquisas. Isso exige, por um lado, salientar as novas possibilidades de mediação que do referido processo advêm e, por outro, considerar as implicações éticas e epistemológicas que se fazem notar a partir da gênese desses novos canais e redes de produção de sentido. A título de exemplo, pode-se destacar as diferentes possibilidades de trabalho multicêntrico e a inclusão de participantes no processo de análise dos dados. Dito de outro modo, propõe-se aqui refletir acerca dos caminhos práticos da interdisciplinaridade e da dinâmica das relações de conhecimento intra e extra-grupo de pesquisa, com destaque para o debate em torno do silenciamento de temáticas e mesmo dos atores envolvidos no processo de construção e análise dos dados. Nesse sentido, a discussão a ser aqui empreendida procurará vislumbrar alguns dos caminhos para o fomento das trocas comunicacionais e diálogos entre os pesquisadores-atores *pari passu* ao incremento da densidade e do rigor técnico e teórico que tais tipos de desenhos de pesquisa exigem. Abordagens metodológicas, tais como a análise de trajetórias (Bourdieu, 2006), a antropologia implicada (Nunes, 2014) e a cartoetnografia (Portugal & Nunes, 2015) serão aqui destacadas, na medida em que evidenciam de forma mais acentuada as possibilidades – bem como os obstáculos – que se colocam ao entrecruzamento teoria-prática e os diferentes níveis e instâncias de diálogo no percurso de pesquisa qualitativa em saúde mental. Por fim, o presente painel também trará discussões acerca das implicações ético-políticas no



desenvolvimento dessas pesquisas; as quais por vezes incluem participantes em situação de sofrimento psíquico e/ou franca vulnerabilidade social. Ao tempo em que se observa a existência de bases socioculturais e políticas que alicerçam e/ou fragilizam a posição social dessas pessoas – repercutindo concreta e pragmaticamente na tessitura de sua vida cotidiana –, faz-se necessário dar visibilidade aos modos pelos quais tais bases (e as relações de poder a elas adjacentes) influenciam não só a relação pesquisador-pesquisado, mas são também influenciados por ela. Seguindo essa linha de raciocínio, é possível afirmar que esses modos podem também agir sobre a percepção e a sensibilidade dos investigadores; podendo, por consequência, atuar significativamente sobre a interpretação e discussão teórico-conceitual em torno dos próprios achados da pesquisa. Sendo assim, nesse ponto, pretende-se discutir as formas pelas quais a pesquisa qualitativa em saúde mental coloca-se como um instrumento para a ampliação da autonomia, reinserção social e empoderamento dessas pessoas. Com respeito a isso, pode-se destacar algumas questões prático-teóricas que nortearão o debate, a saber: o prejuízo à autonomia dos participantes da pesquisa devido à sua inserção institucional prévia (e.g., serviços de saúde, agências beneficentes, escolas, associações religiosas, etc.) e a função da negociação tripartida entre pesquisadores, participantes e os referidos atores institucionais; a elaboração de formas de devolutiva e retorno social da pesquisa que contemplem as diferentes demandas (e.g., as de profissionais, usuários e familiares) que se fazem notar no desenrolar do projeto, assim como a transversalidade da construção do conhecimento entre todos (e para além dos) os atores envolvidos a partir de exemplos práticos que dêem a ver as nuances do processo de construção coletiva e do uso de diversas linguagens (audiovisual, poética, fotográfica, etc.) para esses fins.

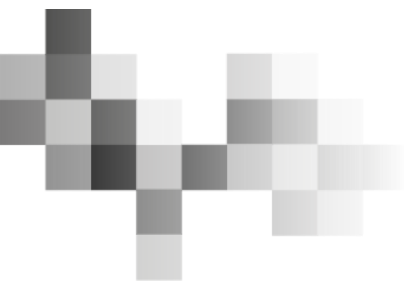
O painel se dará em três etapas, quais sejam: 1) exposição teórica por parte dos proponentes em torno das temáticas trazidas acima; 2) apresentação de aplicação das metodologias discutidas e de exemplos práticos produzidos pelos grupos que orientam a discussão; 3) abertura da discussão a fim de que possam tanto levantar questões relacionadas aos conteúdos expostos quanto apresentar esboços de propostas de novos objetos e linhas de pesquisa afins à temática desenvolvida no painel. Espera-se que a proposta aqui colocada enriqueça o debate teórico-metodológico acerca das pesquisas qualitativas em saúde (mental), oferecendo um arcabouço consistente que possa colaborar para o desenvolvimento de pesquisas já em curso, como também incentive a formação de novas parcerias e canais que viabilizem a construção multicêntrica e interdisciplinar de pesquisas qualitativas. Além disso, almeja-se com esse painel a criação de flancos de diálogo com outros autores do campo; o que pode permitir não só a produção de *papers* voltados para a pesquisa qualitativa em saúde mental, mas mesmo a concepção de uma rede ibero-americana de pesquisa qualitativa em saúde mental, contribuindo para o incremento dessa discussão no contexto acadêmico-científico mais amplo e incentivando o desenvolvimento de novas parcerias interinstitucionais e o aprimoramento teórico-metodológico das ferramentas e recursos de que se podem valer os pesquisadores dedicados a essas questões.

Palavras-Chave: Saúde Mental, Pesquisa Qualitativa, Pesquisa colaborativa, Ética em Pesquisa, Antropologia Implicada.

Recursos Necessários: Sala com vídeo projetor, internet e impressão de duas folhas para cada participante.

Notas biográficas

Mônica de Oliveira Nunes de Torrenté. Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (1987), especialização em Psiquiatria pela UFBA (1989), mestrado em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia (1993), doutorado em Antropologia pela Universidade de Montreal (1999) e Pós-Doutorado em Antropologia na Universidade Paris V - Descartes (2010-2011).



Atualmente é Professora Associado IV do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. Coordena o Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde Mental (NISAM/ ISC/ UFBA) e dedica-se principalmente aos seguintes temas: desinstitucionalização em saúde mental, saúde mental e cultura, saúde mental indígena, avaliação qualitativa de serviços de saúde mental, saúde mental e religiosidade.

Clarice Moreira Portugal. Possui graduação em Bacharel em Psicologia e em Formação de Psicólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), mestrado em Informação e Comunicação em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (2014) e doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia (2018). Atualmente desenvolve pós-doutorado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde Mental do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (2018-). Tem experiência na área de Saúde Mental e Ciências Sociais em Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: saúde mental, religiosidade afro-brasileira, itinerários terapêuticos, experiência de adoecimento, sofrimento social, suicídio, saúde coletiva e antropologia da saúde.

Tiago Pires Marques. Licenciou-se em História em 1998, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Possui mestrado em Economia e Sociologia Históricas, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2002), e doutorado em História no Instituto Universitário Europeu de Florença (2007). Investigador e professor no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra desde 2014, prossegue atualmente a sua investigação sócio-histórica sobre a saúde mental, estendendo o campo de observação à atualidade e combinando metodologias historiográficas e etnográficas. No CES integra o Núcleo de Estudos sobre Políticas Sociais, Trabalho e Desigualdades (POSTRAGE). Foi Investigador FCT entre 2014 e 2019 e é Investigador Principal FCT desde 2019.

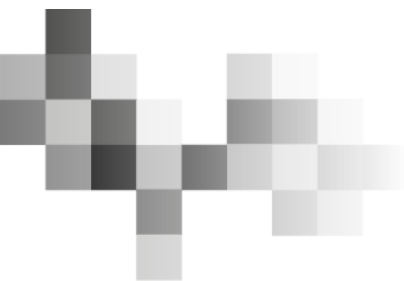
Maurice de Torrenté. Estudou na graduação (Etnologia, Geografia e Linguística) na Faculté des Lettres da Université de Neuchâtel (Suíça) e possui mestrado em Antropologia da Université de Montreal (1995), com concentração em Antropologia da Saúde e Psiquiatria transcultural. Atualmente é pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Saúde Mental (NISAM) do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Médica, atuando principalmente nos seguintes temas: saúde mental, reforma psiquiátrica, atenção psicossocial, matriciamento, estigma, medicalização da existência, pesquisa-ação, sociedades alpinas, gestão de arquivos, museografia e patrimônio cultural.

C.C. Licenciada em Artes Plásticas – Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e no curso de Monitores de Expressão Plástica Infantil, pela Fundação Calouste Gulbenkian. No seu percurso profissional participou em diversos projetos de Educação pela Arte, com crianças em risco, com trissomia 21, de diversas etnias e idades, em Portugal, Espanha e São Tomé e Príncipe. Participou em várias exposições de artes plásticas coletivas e individuais. As circunstâncias da vida fizeram com que se interessasse por questões relacionadas com o foro psiquiátrico e a inclusão.

Angela Oliveira. Membro do grupo de pesquisa JustaMente!

Proposta de organização do painel de discussão

- 1- Breve contextualização do tema



O impacto social, cultural e político de pesquisas científicas é indubitavelmente algo relevante e a ser considerado na pertinência de qualquer estudo que se pretenda acadêmico. Na área da saúde (mental), esse aspecto ganha destaque, o que conduz a uma reflexão acerca das assimetrias epistêmicas e hermenêuticas entre os pesquisadores e os participantes, que por vezes reproduzem aquelas instituídas nos serviços de saúde (Abma et al., 2017) – quadro que se agrava no caso de portadores de transtornos mentais (Miller Tate, 2018). Tais situações podem perpetuar – e mesmo acentuar – formas unilaterais e lineares de transmissão de conhecimento que concorram para a deslegitimação do discurso dos interlocutores e a reificação de situações de injustiça epistêmica (Fricker, 2007), ou seja, de desautorização e silenciamento de uma das partes envolvidas em uma relação de conhecimento.

Sendo assim, mostra-se pertinente discutir os impasses e potencialidades de abordagens qualitativas na pesquisa colaborativa em saúde mental, colocando em debate os aspectos práticos ligados ao desenvolvimento e à apropriação de abordagens e ferramentas metodológicas no âmbito dos grupos interdisciplinares de pesquisa em saúde mental. Da mesma forma, é importante salientar os aspectos ético-políticos envolvidos nas negociações entre pesquisadores, participantes e a sua rede social no processo de pesquisa, bem como sua repercussão na elaboração dos achados.

2- Objetivos

- Discutir a elaboração e o desenvolvimento de pesquisas colaborativas em saúde mental a partir do prisma qualitativo.
- Expor abordagens teórico-metodológicas qualitativas utilizadas no contexto da pesquisa qualitativa em saúde mental, com ênfase nos intercâmbios comunicacionais e de conhecimento que propiciam.
- Abordar as implicações ético-políticas do desenvolvimento de pesquisas quali-colaborativas em saúde mental.

3- Dinâmica/estratégia

a. Apresentação: 10 min

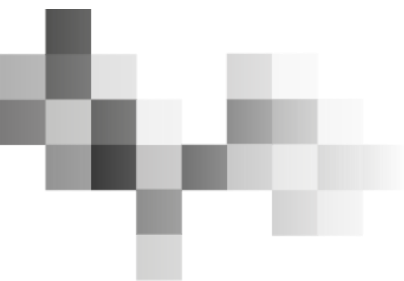
A mediadora – Clarice Moreira Portugal – dará início ao painel, abrindo a apresentação dos proponentes e dos participantes. Em seguida, Mônica Nunes fará uma breve exposição sobre o tema central e o formato do painel.

b. Exposição Teórica do tema: 30 min

b.1. Metodologias da construção de experiências e produção de saberes em saúde mental.

Expositor: Tiago Pires Marques e do grupo de pesquisa colaborativa JustaMente!
– 10 min

As intervenções do grupo JustaMente! pretendem materializar a injunção ética de inclusão epistêmica da experiência proveniente das propostas de pesquisa colaborativa. Nesta sessão, descreveremos os modos como, enquanto coletivo, construímos a experiência e o saber baseado na experiência. Num segundo momento, enfrentamos as críticas das epistemologias da experiência provenientes do universo acadêmico. Esta dupla perspectiva fará ressaltar uma tensão observada nas pesquisas colaborativas em saúde mental, a saber, entre epistemologia e ética envolvendo o conceito de “experiência”. Para abordar este problema, tomaremos como fio condutor as



dificuldades surgidas no curso da nossa própria pesquisa. Colocaremos em perspectiva as metodologias ensaiadas, as dificuldades surgidas e resultados obtidos. Neste percurso, tomará forma uma apropriação particular da epistemologia-ética do reconhecimento proposto por Paul Ricoeur.

b.2. Associação de usuário/as de serviços de saúde mental como comitê de especialistas.

Expositor: Maurice de Torrenté. 10 min.

Problematizaremos o conceito de “comitê de especialistas”, tradicionalmente presente em estudos avaliativos qualitativos, focalizando a sua composição em um grupo de “nativos” formados por usuário/as mititantes em luta antimanicomial que se organizam em uma associação. Desse modo, analisaremos as ideias-forte lançadas pelos “de dentro” que reivindicam reconhecimento identitário e epistemológico, trocas igualitárias no processo da pesquisa, efeitos práticos e postura engajada do/as pesquisadore/as. A própria dinâmica da pesquisa com o outro e suas interpelações geram um novo adensamento de resultados e interpretações que atualizam e ressignificam premissas e pressupostos originais de pesquisa.

b.3. Cartoetnografia(s): da elaboração de um híbrido teórico-metodológico às suas repercussões ético-epistemológicas em uma pesquisa quali-colaborativa em saúde mental.

Expositora: Clarice Moreira Portugal. 10 min.

Aqui será apresentado como, a partir da sua participação em uma pesquisa colaborativa em saúde mental, a pesquisadora pôde desenvolver uma abordagem de análise e construção de dados qualitativos que combina elementos etnográficos e cartográficos, ou seja, contempla o entrecruzamento entre os aspectos étnico-culturais e aqueles ligados à elaboração das paisagens e territórios sócio existenciais pelos atores envolvidos.

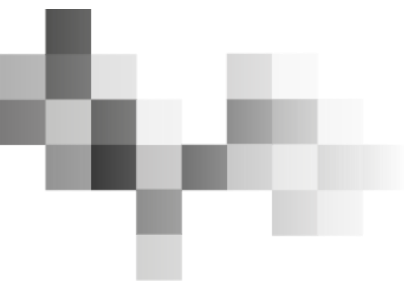
c. Aplicação em outros contextos: 20 min

Nesta etapa será feita uma exposição coletiva pelos proponentes dos resultados e produtos voltados para a educação popular e comunicação em saúde da pesquisa “Identidade, reinserção social e autonomia como operadores de desinstitucionalização para pessoas com sofrimento psíquico e/ou uso abusivo de álcool e outras drogas pertencentes a grupos vulneráveis” (Nunes et al., 2013). Serão apresentados também dois projetos distintos do grupo de pesquisa Justamente! – sob a coordenação de Tiago Pires Marques –, ainda que com uma ligação genealógica. O primeiro – “A Emergência da Saúde Mental” (2015-2016) – envolveu a recolha de histórias de vida de dez usuários de serviços de saúde mental em Portugal. O segundo tomou a forma de uma pesquisa colaborativa, em que participaram seis indivíduos com diagnósticos psiquiátricos e dois a três pesquisadores acadêmicos (em diferentes momentos). Nesta pesquisa, que decorre desde 2017, participam alguns usuários entrevistados no primeiro projeto, agora na qualidade de membros da equipe.

d. Discussão: 30 min

Na etapa em questão será aberto o debate aos participantes, a fim de que possam tanto levantar questões relacionadas aos conteúdos expostos quanto apresentar esboços de propostas de novos objetos e linhas de pesquisa afins à temática desenvolvida no painel.

4- Aplicação da proposta na realidade/exemplos práticos



Este painel de discussão pode inspirar – considerando-se, evidentemente, as devidas modificações em torno das temáticas e eixos de interesse, que podem variar de grupo para grupo – novos espaços de debate em torno de pesquisas qualitativas em saúde mental. É aplicável, por exemplo, a oficinas de construção de projetos de pesquisa envolvendo acadêmicos, profissionais e gestores, assim como à formação de tutores de especializações lato sensu e/ou em nível de residência em saúde mental, no sentido de simultaneamente ampliar e refinar as reflexões voltadas para a valorização da pesquisa na formação dos estudantes.

5- Resultados esperados

Espera-se que a proposta aqui colocada enriqueça o debate teórico-metodológico acerca das pesquisas qualitativas em saúde (mental), oferecendo um arcabouço consistente que possa colaborar no desenvolvimento de pesquisas já em curso, como também fomenta a formação de novas parcerias e canais que viabilizem a construção multicêntrica e interdisciplinar de pesquisas qualitativas. Além disso, almeja-se com esse painel de debate a criação de flancos de diálogo com outros autores do campo; o que pode permitir não só a produção de *papers* voltados para a pesquisa qualitativa em saúde mental, mas mesmo a concepção de uma rede ibero-americana de pesquisa qualitativa em saúde mental, contribuindo para o incremento dessa discussão no contexto acadêmico-científico mais amplo e incentivando o desenvolvimento de novas parcerias interinstitucionais e o aprimoramento teórico-metodológico das ferramentas e recursos de que se podem valer os pesquisadores dedicados a essas questões.

